

Tradução: “O que é uma emoção?” (William James, 1884)¹

Raphael Silva Nascimento²

Introdução

“Recuse-se a expressar uma emoção, e ela morre.”
William James (*What is an Emotion?*, 1884)

Resgates históricos também são formas de produzir conhecimento, e, num campo multifacetado como a psicologia, trazer um autor das raízes de sua árvore genealógica para ser visto à luz do que se tornou essa ciência é um exercício curioso e esclarecedor.

William James é um dos maiores nomes do seu século: considerado o pai da psicologia americana, criador do primeiro laboratório de psicologia experimental do continente, um dos responsáveis por incentivar a transformação da psicologia em uma ciência natural, escritor do maior tratado de psicologia do século XIX, filósofo fundador da corrente do pragmatismo, cientista renomado e eleito um dos maiores pensadores americanos de toda a história. Sua importância se mede não só pela relevância de suas teorias mesmo mais de um século após terem sido lançadas, mas também pelo desbravamento de um novo caminho para a filosofia, pelo zelo científico, o ineditismo e revolução de suas teorias e o impacto que causaram e ainda causam.

Sua teoria da emoção, mesmo depois de um revés histórico que a deixou obscurecida por décadas, volta a ter relevância na atualidade com as novas pesquisas sobre o cérebro que demonstram que muito do que James previa realmente estava muito próximo das teorias atuais. Inicialmente lançada em 1884, em seu artigo “*What is an Emotion?*” sua teoria da emoção foi um dos textos que iniciou o pensamento científico moderno sobre o tema.

Dono de uma gigantesca bibliografia, mesmo um autor importante como James foi pouco traduzido em nossa língua. A maior parte dessas traduções em português são de seus textos de cunho filosófico e foram feitas entre a década de 40 e 70, havendo poucos textos psicológicos traduzidos. A importância de ler James na atualidade consiste não apenas em sanar curiosidades, mas também em mostrar para leitores de

¹ Resultado de trabalho monográfico de fim de curso (psicologia – UFS), orientado pelo Prof. Eduardo Leal Cunha.

² Psicólogo, formado pela Universidade Federal de Sergipe; Tradutor e professor de inglês.

psicologia um dos autores que pavimentou a estrada por onde essa ciência hoje caminha e ilustra a maneira como ele criou e modelou essa “psicologia primitiva”.

O que segue é o primeiro artigo de James sobre o tema, e é onde ele lança as bases do que mais tarde se tornaria seria sua mais importante obra psicológica: o *Principles of Psychology*.

A importância do “*What is an Emotion?*” é medida não só pelo seu valor histórico, entretanto. O texto revela mais do que a teoria da emoção de James: revela o próprio autor, desvenda o contexto emocionante da ciência do século XIX e as discussões entre os grandes pensadores da humanidade. Mais do que isso: o próprio processo científico se apresenta na tentativa de James, apresentado ao leitor com a vontade de se explicar aquilo que ainda não tinha palavras para ser explicado.

A tradução tenta respeitar ao máximo as palavras de James, mas sem cair na pura literariedade. As notas do tradutor tentam apresentar o leitor ao universo que James traz para dentro de seu texto, para que a experiência de leitura se amplie e seja mais do que uma apreciação de um texto antigo, mas um processo de descoberta mais abrangente.

“O que é uma Emoção?”

William James

Publicado originalmente em *Mind*, Vol. 9, No. 34. (Abril, 1884), pp. 188-205.

Os fisiologistas que vem explorando tão diligentemente as funções do cérebro, durante os últimos anos, têm limitado suas tentativas de explicação para as performances cognitivas e volitivas. Dividindo o cérebro em centros sensoriais e motores, eles viram sua divisão como um paralelo exato da análise feita pela psicologia empírica das partes perceptiva e volitiva da mente em seus elementos mais simples. Mas o âmbito *estético* da mente, seus desejos, seus prazeres e dores, e as suas emoções, têm sido tão ignorados em todas essas pesquisas que somos tentados a supor que, se fosse pedida ao Dr. Ferrier³ ou ao Dr. Munk⁴ uma teoria em termos cerebrais desses fatos mentais, ambos poderiam responder que não tinham ainda pensado no assunto, ou que achavam tão difícil formular hipóteses distintas que, para eles, isso estava entre os problemas para o futuro, apenas para ser retomado após os mais simples do presente terem sido definitivamente resolvidos.

No entanto, mesmo agora é certo que uma de duas coisas que concernem às emoções deve ser verdadeira. Ou que centros especiais e separados, afetados somente por elas, são seus lugares no cérebro, ou então que as emoções correspondem a processos que ocorrem nos centros motor e sensorial, já conhecidos, ou em outros

³ Sir David Ferrier (1843-1928) foi um neurologista e psicólogo escocês cujos trabalhos experimentais sobre função e localização cerebral foram pioneiros. Seu livro *The Functions of The Brain*, publicado em 1876, é considerado um clássico da neurociência. (N.T.)

⁴ Hermann Munk (1839-1912) foi um fisiologista alemão pioneiro, professor de fisiologia na Faculdade de Veterinária em Berlim. Possui um extenso trabalho, que inclui estudos sobre a natureza da excitação nervosa, sobre a função, anatomia e fisiologia do córtex cerebral, e sobre as funções do cerebelo. (N.T.)

centros como esses que ainda não foram mapeados. Se aquele for o caso, devemos negar a visão atual, e tomar o córtex como sendo algo mais do que a superfície de "projeção" de cada ponto sensível e músculo do corpo. Se o último for o caso, devemos perguntar se o "processo" emocional no centro sensorio ou motor pode ser de todo peculiar, ou se ele se assemelha aos processos perceptivos comuns pelos quais esses centros já são reconhecidos como sendo responsáveis. O objetivo das páginas seguintes é mostrar que a última alternativa se aproxima mais da verdade, e que os processos emocionais do cérebro não só se assemelham aos seus processos sensoriais usuais, mas, na grande verdade, nada mais são do que a combinação de tais processos de forma variada. O principal resultado disso será simplificar nossas noções das possíveis complicações da fisiologia do cérebro, e nos fazer ver que já temos em mãos um esquema do cérebro cujas aplicações são muito mais amplas do que os seus autores sonharam. Embora isso pareça ser o principal resultado dos argumentos que eu estou a incitar, eu deveria dizer que eles não foram inicialmente concebidos no intento de qualquer resultado desses. Eles cresceram de observações introspectivas fragmentadas, e foi apenas quando elas já tinham se combinado em uma teoria que a ideia da simplificação que ela poderia trazer para a fisiologia cerebral ocorreu-me e a fez parecer mais importante do que antes.

Devo dizer, em primeiro lugar, que as únicas emoções que expressamente me proponho a considerar aqui são aquelas que têm uma expressão corporal distinta. Que existem sentimentos de prazer e desprazer, de interesse e entusiasmo, ligados às operações mentais, mas que não possuam expressão corporal óbvia consequente, seria, eu suponho, considerado como verdade pela maioria dos leitores. Certas disposições de sons, de linhas e de cores são agradáveis, e outras são o contrário, sem que o grau de sensação seja suficiente para acelerar o pulso ou a respiração, ou para induzir movimentos, quer do corpo ou do rosto. Certas sequências de ideias nos cativam tanto quanto outras nos enfadam. É um verdadeiro prazer intelectual ter uma questão resolvida, e um tormento intelectual verdadeiro ter que deixá-la inacabada. O primeiro conjunto de exemplos, os sons, linhas e cores, são ou sensações corporais ou as imagens dos mesmos. O segundo conjunto parece depender exclusivamente de processos nos centros ideacionais. Tomados em conjunto, parecem provar que existem prazeres e dores inerentes a certas formas de ação nervosa, onde quer que tal ação ocorra. O caso desses sentimentos, vamos deixar inteiramente de lado neste momento, e limitar a nossa atenção aos casos mais complicados, nos quais uma onda de perturbações corporais de algum tipo acompanha a percepção de imagens ou sons interessantes, ou a passagem do comboio emocionante de ideias. Surpresa, curiosidade, arrebatamento, medo, raiva, luxúria, ganância e semelhantes tornam-se então os nomes dos estados mentais pelos quais a pessoa está possuída. As alterações corporais são tidas como sendo a “manifestação” dessas várias emoções, a sua “expressão” ou “linguagem natural”, e essas mesmas emoções, sendo tão fortemente caracterizadas tanto como vindo de dentro e de fora, podem ser chamadas de “emoções *padrão*”⁵.

⁵ A escolha da palavra “padrão” para traduzir o original “standard” difere da proposta de Gutman (2008), que escolhe a palavra “básica”. Nossa preferência evoca muito mais o sentido de “standard” como algo que é – literalmente – um “padrão”, sem dar a noção de que é algo simples como a ideia de “básico” evoca, por isso diferimos. (GUTMAN, Guilherme. As novidades da psicopatologia estão no século XIX?

Nossa maneira natural de pensar sobre essas emoções padrão é que a percepção mental de algum fato desperta a afeição mental denominada emoção, e que esse estado de espírito é que dá origem à expressão corporal. Minha tese, pelo contrário, é que *as mudanças corporais seguem diretamente a PERCEPÇÃO do fato excitante, e que a nossa percepção dessas mesmas mudanças assim que elas ocorrem É a emoção*. O senso comum diz: se perdemos a nossa fortuna, lamentamos e choramos; se encontramos um urso, nos assustamos e corremos; se somos insultados por um rival, nos irritamos e atacamos. A hipótese a ser defendida aqui diz que essa ordem de sequência é incorreta, que um estado mental não é imediatamente induzido por outro e que as manifestações corporais devem ser interpostas entre eles primeiro, e que a afirmação mais racional é que nos sentimos desolados porque choramos, zangados porque atacamos, temos medo porque trememos, e não que nós choramos, atacamos, ou trememos, porque lamentamos, temos raiva ou medo, conforme o caso. Sem os estados corporais seguindo-se à percepção, ela seria puramente cognitiva em sua forma, pálida, incolor, destituída de calor emocional. Nós então poderíamos ver o urso, e julgar que é melhor correr, receber o insulto e considerar justo o ataque, mas nós não poderíamos realmente nos *sentir* com medo ou raiva.

Declarada dessa maneira crua, é certo que a hipótese encontrará descrença imediatamente. E ainda algumas considerações – não muitas, nem forçadas – são necessárias para mitigar seu caráter paradoxal, e possivelmente produzir convicção de sua verdade.

Para começar, os leitores deste periódico não precisam ser lembrados que o sistema nervoso de todos os seres vivos nada mais é que um conjunto de predisposições para reagir de forma particular em consequência do contato com características específicas do ambiente. Tão certo quanto o abdômen do caranguejo-eremita pressupõe a existência de conchas vazias de búzios em algum lugar para ser encontradas, então certamente o farejar do cão de caça implica a existência, por um lado, de pés de veados ou raposas, e por outro lado, da tendência de seguir suas pegadas. A maquinaria neural é um hífen entre determinadas disposições de matéria de fora do corpo e determinados impulsos para a inibição ou descarga dentro de seus órgãos. Quando a galinha vê um objeto branco e oval no chão, ela não pode abandoná-lo: ela deve manter-se em cima dele e retornar a ele, até que, finalmente, sua transformação em uma pequena massa que pia e se move elicie de sua máquina um novo conjunto de ações. O amor de um homem por uma mulher, ou da mãe humana por seu bebê, nossa ira contra cobras e nosso medo de precipícios também podem ser descritos similarmente, como exemplos da maneira pela qual peças especialmente adaptadas do mobiliário do mundo irão fatalmente evocar as reações mentais e corporais mais particulares, com antecedência e por vezes em oposição, ao veredicto de nossas razões deliberadas que os concernem. Os trabalhos de Darwin e seus sucessores estão apenas começando a revelar o parasitismo universal de cada criatura sobre outras coisas especiais, e a maneira como cada criatura traz a assinatura de suas relações especiais impressa em seus sistemas nervosos.

O retorno a William James e à sua “teoria das emoções”. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 11, n. 4, Dec. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000400012&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 08 Nov. 2010.) (N.T.)

Cada criatura é, na verdade, uma espécie de fechadura, cujos mecanismos de travas e molas pressupõem formas específicas de chaves que, no entanto, não nascem associadas à fechadura, mas certamente serão encontradas no mundo próximo, na medida em que a vida segue. E as fechaduras são indiferentes a quaisquer que não sejam as suas próprias chaves. O ovo não fascina o cão de caça, o pássaro não teme o precipício, a cobra não guarda ira contra sua espécie, o veado não se importa com a mulher ou o bebê humano. Aqueles que desejam um desenvolvimento pleno desse ponto de vista devem ler *Der Thierische Der Wille* de Schneider⁶, – nenhum outro livro mostra quão precisamente antecipatórias são as ações dos animais às características específicas do ambiente em que vivem.

Entre essas antecipações nervosas, as emoções devem ser levadas em conta, na medida em que podem ser evocadas diretamente pela percepção de certos fatos. Antes de qualquer conhecimento sobre elefantes, criança alguma pode não ficar assustada se ela de repente se encontrar com um elefante bramindo em arrancada para cima dela. Nenhuma mulher pode ver um belo e pequeno bebê nu sem encantar-se, ninguém em um local selvagem vê uma forma humana à distância sem excitação e curiosidade. Eu disse que deveria considerar essas emoções somente na medida em que possuem movimentos corporais de alguma sorte as acompanhando. Mas o meu primeiro ponto é mostrar que os acompanhamentos corporais têm muito mais alcance e são muito mais complexos do que geralmente supomos.

Em livros anteriores sobre Expressões, escritos principalmente do ponto de vista artístico, os sinais de emoção externamente visíveis foram os únicos levados em conta. O célebre *Anatomy of Expression* de Sir Charles Bell⁷, notou as alterações respiratórias; os tratados de Bain⁸ e de Darwin⁹ foram ainda mais minuciosos no estudo dos fatores viscerais envolvidos: alterações no funcionamento de glândulas e músculos e no aparelho circulatório. Mas nem mesmo um Darwin enumerou exaustivamente *todas* as alterações corporais características de qualquer uma das emoções padrão. Mais e mais, com os avanços da fisiologia, começamos a discernir como quase infinitamente numerosas e sutis elas devem ser. As pesquisas de Mosso¹⁰ com o pletismógrafo têm

⁶ Georg Heinrich Schneider (1846-1904), educador alemão. James – reticente sobre a questão do amor parental – retira uma longa passagem do livro de Schneider *Der Thierische Wille* (A vontade Animal), de 1880, e introduz em seu *Principles* para uma análise. (SIMON, Linda. *Genuine Reality: A life of William James (1st Edition)*. Nova Iorque, Houghton Mifflin Harcourt, 1998, p. 198) (N.T.)

⁷ Sir Charles Bell (1774-1842) foi um artista, anatomista, neurologista, cirurgião e teólogo natural escocês. Foi um dos primeiros médicos a combinar o método científico do estudo de neuroanatomia com a prática clínica e com sua habilidade artística produziu muitas peças de estudo. Estudou largamente a anatomia do cérebro e foi um dos primeiros a escrever tratados de anatomia e fisiologia das expressões faciais voltados para artistas e ilustradores. Teve amplo reconhecimento nacional e internacional e diversas descobertas relativas ao cérebro foram nomeadas em sua homenagem. (N.T.)

⁸ Alexander Bain (1818-1903) foi um gramático, educador e filósofo escocês. Publicou alguns tratados importantes sobre a filosofia da mente: em 1855 publica *The Senses and The Intellect*; em 1859, *The Emotions and The Will*; em 1861, *The Study of Character*; e, em 1868, publica o *Manual of Mental and Moral Science*. Seus textos o aproximam de William James, pois também apelam para que se extirpe da psicologia a metafísica e se busque uma visão científica positiva para ela. (N.T.)

⁹ James está falando do livro “A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais”, lançado por Charles Darwin em 1872. (N.T.)

¹⁰ Angelo Mosso (1846-1910), fisiologista italiano e inventor de alguns instrumentos de medição muito importantes para os primeiros estágios de pesquisas sobre sono, atividade mental e emoção: o *ergógrafo*,

mostrado que não só o coração, mas todo o sistema circulatório forma uma espécie de ‘caixa de ressonância’, a qual toda mudança de nossa consciência, ainda que sutil, pode fazer reverberar. Dificilmente uma sensação chega até nós sem enviar ondas alternadas de constrição e dilatação pelas artérias de nossos braços. Os vasos sanguíneos do abdômen agem reciprocamente com os das partes mais externas do corpo. A bexiga e os intestinos, as glândulas da boca, a garganta, a pele e o fígado são conhecidos por serem afetados gravemente em certas emoções severas, e são, sem dúvida, afetados temporariamente quando as emoções são de um tipo mais leve. Que os batimentos cardíacos e o ritmo da respiração desempenham os papéis principais em qualquer emoção que seja é uma questão bastante notória para ser necessária a prova. E o que é em realidade igualmente proeminente, mas menos provável de ser admitido até que se dê atenção especial ao fato, é a contínua cooperação dos músculos voluntários em nossos estados emocionais. Mesmo quando nenhuma mudança de atitude aparente é produzida, a tensão interna altera-se para se adequar a cada variação de humor e é sentida como uma diferença de tônus ou de tensão. Na depressão, os músculos flexores tendem a prevalecer, na exaltação ou excitação beligerante, os músculos extensores assumem a liderança. As várias permutações e combinações às quais essas atividades orgânicas são suscetíveis fazem com que seja abstratamente possível que qualquer sombra de emoção, quão leve que seja, tenha uma reverberação corporal única, quando tomada em sua totalidade, assim como quando tomado o clima mental em si.

O imenso número de partes alteradas em cada emoção é o que torna tão difícil para nós reproduzir a sangue frio a expressão total e integral de qualquer uma delas. Podemos adivinhar qual o truque com os músculos voluntários, mas não com a pele, as glândulas, coração e outras vísceras. Assim como um espirro imitado artificialmente carece de algo da realidade, a tentativa de imitar uma emoção na ausência de sua causa normal instigante está apta a ser um tanto quanto “vazia”.

A próxima coisa a ser notada é que cada uma das mudanças corporais, qualquer que seja, é *sentida*, de forma aguda ou obscura, no momento em que ocorre. Se o leitor nunca prestou atenção a essa questão, ficará ao mesmo tempo interessado e assombrado ao descobrir quantas diferentes sensações corporais locais pode detectar em si mesmo como características de seus vários estados emocionais. Seria talvez exagerado supor que o leitor deteria a maré de alguma forte rajada de paixão em prol de uma análise tão curiosa quanto essa, mas ele pode observar estados mais tranquilos e pode presumir que, sendo verdade nesses estados menos intensos, seria por extensão verdade nos mais intensos. A integralidade de nosso corpo é sensitivamente¹¹ viva; e cada pedaço seu contribui com sua pulsação de sentimentos – turvos ou nítidos, agradáveis, dolorosos, ou duvidosos – para o sentido de personalidade que cada um de nós, infalivelmente, carregamos conosco. É surpreendente quão poucos são os itens que nos dão a expressão desses complexos de sensibilidade.

que registra a força e a frequência da flexão dos dedos da mão, o *esfigmomanômetro*, o aparelho de medir pressão utilizado até hoje, e o *pletismógrafo* citado por William James, um aparelho que mede mudanças de volume dentro de um órgão. Criou técnicas rudimentares de neuroimagem que foram a base de aparelhos modernos como o de ressonância magnética e o tomógrafo. (N.T.)

¹¹ A tradução de “sensibly” como “sensitivamente” tenta evocar a natureza sensorial e sensível que o termo original traz. (N.T.)

Quando preocupados com algum leve problema, podemos achar que o foco da nossa consciência corporal é a contração, frequentemente bastante insignificante, dos olhos e sobrancelhas. Quando momentaneamente constrangidos, algo em nossa faringe nos compele tanto a engolir como a limpar a garganta ou tossir levemente; e assim por diante para tantos casos quanto se possa nomear. Sendo a preocupação aqui maior com a visão geral do que com os detalhes, não hesitarei em discutir esses, mas, assumindo a suposição que toda mudança que ocorre deve ser sentida, sigo com o texto¹².

Eu agora prossigo para exortar o ponto vital de toda a minha teoria, que é este: se imaginarmos alguma emoção forte e então tentarmos abstrair de nossa consciência dela todas as percepções de seus sintomas corporais característicos, descobrimos que nada nos sobra, nenhuma “matéria-prima mental” da qual a emoção pode ser constituída, e que um estado frio e neutro de percepção intelectual é tudo que resta. É verdade que, embora a maioria das pessoas, quando perguntadas, digam que sua introspecção confirma essa afirmação, algumas insistem em dizer que não. Muitas não podem ser forçadas a entender a questão. Quando você pede-lhes para remover todo sentimento de riso ou tendência a rir de sua consciência ao analisar a comicidade de algum objeto, e depois pedir-lhes para dizer como a percepção de comicidade de tal objeto seria, seja ela qualquer coisa mais do que a percepção de que o objeto pertence à classe “engraçado”, eles insistem em responder que a coisa proposta é uma impossibilidade física, e que eles *são forçados* a rir sempre, caso vejam um objeto engraçado. Claro que a tarefa proposta não é prática: ver um objeto risível e aniquilar a tendência de alguém para rir. Ela é puramente especulativa: subtrair alguns elementos da percepção de um estado emocional que deveria existir em sua plenitude e dizer o que são os elementos residuais. Eu não posso deixar de pensar que todos os que percebem adequadamente esse problema vão concordar com a proposição acima estabelecida. Que tipo de emoção de medo restaria sem os sentimentos de coração acelerado ou de respiração superficial, sem os lábios trêmulos, ou os membros enfraquecidos, sem o arrepio ou a agitação das vísceras? Sem eles presentes é quase impossível de se pensar. Pode alguém imaginar o estado de raiva e não visualizar sua ebulição no peito, nenhum rubor na face, nenhuma dilatação das narinas, sem o cerrar dos dentes, sem nenhum impulso para uma ação vigorosa, mas em seu lugar, músculos flácidos, respiração calma e um rosto plácido? O presente autor, pelo menos, certamente não pode. A raiva é tão completamente evaporada quanto a sensação de suas pretensas manifestações, e a única coisa que pode possivelmente e supostamente tomar seu lugar é alguma sentença judicial a sangue frio e desapaixonada, totalmente confinada à esfera intelectual, no sentido de que uma determinada pessoa ou pessoas merecem castigo por seus pecados. Nos mesmos

¹² É claro que a questão fisiológica surge: *como* as mudanças são sentidas? *Depois* de produzidas, através dos nervos sensoriais dos órgãos trazendo para o cérebro um relatório das alterações que ocorreram? ou *antes* de serem produzidas, através de nossa consciência das correntes nervosas que saem em seu caminho descendente para as partes que estão para excitar? Acredito que todas as evidências que temos estão a favor da primeira alternativa. A questão é demasiadamente ínfima para ser discutida aqui, mas eu havia dito algo sobre isso em um artigo intitulado “A Sensação de Esforço” (*The Feeling of Effort*, no original), no *Anniversary Memoirs of the Boston Natural History Society*, 1880 (traduzido em *La Critique Philosophique* naquele ano, e resumidos na revista *MIND* XX., 582). Ver também *Grundlegung der Psychophysik*, 110, de G.E. Müller.

moldes, sobre o pesar: o que seria ele sem as suas lágrimas, seus soluços, a sufocação do coração, sua fisgada no peito? Uma cognição insensível de que certas condições são deploráveis, e nada mais. Toda paixão por sua vez, conta a mesma história. Uma emoção humana puramente desencarnada¹³ é uma nulidade. Eu não digo que é uma contradição na natureza das coisas, ou que espíritos puros estão necessariamente condenados a vidas intelectuais e frias, mas eu digo que, para nós, uma emoção dissociada de qualquer sensação corporal é inconcebível. Quanto mais rigorosamente eu analiso meus estados, mais fico convencido de que quaisquer que sejam os humores, afetos e paixões que eu possua, na verdade eles são constituídos e compostos daquelas mudanças corporais que normalmente nomeamos como suas expressões ou consequências, e mais me parece que, se eu viesse a ser corporalmente anestesiado, estaria excluído da vida dos afetos, tanto dos desagradáveis quanto dos ternos e arrastaria uma existência de forma meramente cognitiva ou intelectual. Tal existência, embora pareça ter sido o ideal dos antigos sábios, é apática em demasia para ser tão procurada por aqueles que nasceram depois do renascimento do culto da sensibilidade, há poucas gerações.

Mas se a emoção não é nada além do que o sentimento dos “efeitos corporais reflexos” do que chamamos de seus “objetos”, efeitos devidos à adaptação inata do sistema nervoso a tal objeto, parece que nós somos imediatamente confrontados por esta objeção: a maioria dos objetos das emoções dos homens civilizados são coisas para as quais seria absurdo supor que seus sistemas nervosos estariam congenitamente adaptados. A maioria das ocasiões de vergonha e muitos insultos são puramente convencionais, e variam de acordo com o ambiente social. O mesmo é verdade para muitas questões de temor e de desejo, e muitas ocasiões de melancolia e remorso. Nesses casos, pelo menos, parece que as concepções de vergonha, desejo, remorso, etc., devem primeiro ter sido atribuídas pela educação e pela associação a esses objetos convencionais antes que as alterações corporais pudessem ser despertadas. E se *nesses* casos as mudanças corporais sucedem-se às ideias, em vez de dar origem a elas, então por que não em todos os casos?

Discutir exaustivamente essa objeção nos levaria ao estudo de uma estética puramente intelectual. Algumas palavras sobre isso serão suficientes. Não diremos nada sobre a incapacidade do argumento de distinguir entre a ideia de uma emoção e uma emoção em si mesma. Vamos apenas recordar o princípio evolutivo bem conhecido que diz que, quando um certo poder já está estabelecido de vez em um animal, em virtude de sua utilidade na presença de certas características do ambiente, ele pode vir a ser útil na presença de outras características do ambiente que originalmente nada tinham a ver com sua produção ou preservação. Com uma tendência nervosa para a descarga já presente, toda sorte de coisas imprevistas podem puxar o gatilho e lançar seus efeitos. Que dentre essas coisas devam estar os convencionalismos maquinados pelo homem não é uma

¹³ Coincidentemente optamos pela mesma tradução de Cerdeira & Bronowski (2008), ao optar por “desencarnada” ao invés de “descorporificada”, também no intuito de trazer uma associação mais direta com a “carne” no sentido de “corpo”, “músculo”, ou “vísceras”. (JAMES, William. *As emoções* (1890). **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 11, n. 4, Dec. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000400013&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 08 Nov. 2010.) (N.T.)

questão com qualquer consequência psicológica que seja. A parte mais importante do meu ambiente é o meu companheiro. A consciência de sua atitude com relação a mim é a percepção que normalmente incita a maioria das minhas indignações, vergonhas e medos. A sensibilidade extraordinária dessa consciência é demonstrada pelas alterações corporais forjadas em nós pela percepção de que nosso companheiro está nos observando *absolutamente*. Ninguém pode atravessar o tablado em uma reunião pública com apenas a mesma inervação muscular que se tem ao andar pelo seu quarto em casa. Ninguém pode dar a palavra em tal reunião sem uma excitação orgânica. O “Medo do Palco” é apenas o grau extremo daquela autoconsciência pessoal completamente irracional que cada um possui, em certa medida, tão logo sintam os olhos de uma série de estranhos fixos nele, mesmo que se esteja intimamente convencido de que seu sentimento em relação a si não tenham nenhuma consideração prática¹⁴. Sendo assim, não é surpreendente que a persuasão adicional da atitude do meu companheiro, para o bem ou para o mal, desperte emoções mais fortes ainda. Nas sociedades primitivas, o “Bem” pode significar entregar-me um pedaço de carne, e “mal” pode significar mirar um golpe em meu crânio. Em nossa “Idade Culta”, o “Mal” pode significar atravessar em minha frente na rua, e o “Bem”, dar-me um diploma honorário. O que a ação em si pode ser é bastante insignificante, contanto que eu possa perceber nela intenção ou *animus*. Essa é a percepção que desperta a emoção; e pode dar origem a convulsões corporais tão fortes em mim, um homem civilizado que experimenta o tratamento de uma sociedade artificial, como em qualquer prisioneiro de guerra furioso, ao descobrir que seus captores estão prestes a comê-lo ou torná-lo um membro de sua tribo.

Mas agora, com essa objeção eliminada, surge uma dúvida mais geral. Existe alguma evidência, pode-se perguntar, para a hipótese de que percepções específicas *produzem* efeitos corporais generalizados através de uma espécie de influência física imediata, antecedente ao surgimento de uma emoção ou ideia emocional?

A única resposta possível é que há com muita certeza tais provas. Ao ouvirmos poesia, drama, ou narrativa heróica, muitas vezes somos surpreendidos com o arrepiamento cutâneo que, como uma onda súbita, corre por nós, e com aperto no coração e a efusão lacrimal que inesperadamente nos atinge em tempos. Ao ouvir música, o mesmo é ainda mais notavelmente verdadeiro. Se abruptamente vemos um vulto em movimento na mata, nosso coração para de bater, e nós recuperamos o fôlego de imediato antes que qualquer ideia articulada de perigo possa surgir. Se algum amigo se aproxima da beira de um precipício, ficamos com a conhecida sensação de “vertigem por empatia”¹⁵ e recuamos, embora nitidamente *saibamos* que ele está seguro e sequer conjecturamos sua queda. O escritor lembra bem de seu espanto, quando era um menino de sete ou oito

¹⁴ Note-se, de passagem, que essa autoconsciência pessoal parece ser uma questão totalmente corporal, em grande parte, uma consciência de nossa atitude, e que, como outras emoções, reage sobre a sua própria condição física e leva a alterações de atitude: a uma certa rigidez na maioria dos homens, mas, nas crianças, a uma torção regular e um contorcer-se, e nas mulheres, variadas poses graciosamente tímidas.

¹⁵ No original, o autor utiliza a palavra “all-overishness”, que se define como um sentimento de desconforto geral, que beira a indisposição física e que apresenta uma série de características próprias. No caso, um desconforto vertiginoso ao visualizar outrem numa situação que nos causaria o desconforto em si. A difícil tradução desse termo me fez optar por evocar a ideia de uma “vertigem por empatia”, que não é um construto em si, mas uma maneira mais aproximada, clara e direta de explicar em português o que o autor quis dizer em uma só palavra em inglês. (N.T.)

anos, ao desmaiar vendo um cavalo ser sangrado. O sangue estava em um balde, com uma vareta dentro. Se a memória não falha, ele mexia o sangue e o via escorrer da vareta sem sentimento algum para além de uma curiosidade infantil. De repente, o mundo tornou-se negro diante de seus olhos, seus ouvidos começaram a zumbir, e ele de nada mais lembra. Ele nunca tinha ouvido falar que ver sangue causaria fraqueza ou o faria sentir-se mal, e tinha tão pouca repugnância a isso, e tão pouca apreensão de qualquer outro tipo de perigo, que mesmo nessa tenra idade, como ele bem se lembra, não conseguia deixar de imaginar como a mera presença física de um balde cheio de um líquido rubro causaria nele tais efeitos corporais formidáveis.

Imagine duas facas de lâminas de aço, com suas bordas afiadas cruzando-se perpendicularmente, e movendo-se de lá e para cá. Toda nossa organização nervosa fica “por um fio” ao pensar nisso, e, ainda assim, que emoção pode suceder, exceto a sensação nervosa e desagradável, ou o temor de que mais possa vir?

Toda reserva e capital dessa emoção é o efeito corporal sem sentido que as lâminas imediatamente despertam. Esse caso é típico de uma classe: onde uma emoção ideal parece preceder os sintomas corporais, muitas vezes isso não é nada mais que uma representação dos próprios sintomas. Aquele que já desmaiou ao ver sangue pode testemunhar os preparativos para uma operação cirúrgica com o coração apertando e ansiedade incontrolável. Ele antecipa certos sentimentos e a antecipação precipita a sua chegada. Disseram-me de um caso de pavor patológico no qual a pessoa confessou que o que a possuía parecia, mais do que qualquer coisa, ser o medo do próprio medo. Nas variadas formas do que o Professor Bain chama de “emoções ternas”, embora o objeto adequado normalmente precise ser diretamente contemplado antes de a emoção ser incitada, ainda assim, às vezes pensar sobre os sintomas da emoção em si pode ter o mesmo efeito. Em contextos sentimentais, a ideia de “saudade” vai produzir “saudade” real. E, para não falar de exemplos mais brutos¹⁶, a imaginação de uma mãe nos afagos que ela concede a seu filho pode provocar um espasmo de desejo maternal.

¹⁶ Adotamos a tradução de “*coarse*” como “bruto” de Cerdeira & Bronowski (2008) em sua tradução de uma sessão do capítulo XXV “The Emotions” do *Principles of Psychology*, seguindo da mesma justificativa:

(...) ao recorrermos ao *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*, do Padre Spitzer (Porto Alegre, Globo, 1958), encontramos, dentre a sua torrente maravilhosa de associações para “bruto”, algumas que revelam o caráter básico e direto de certas emoções a que W. James parece aludir: “reino animal, fauna, besta (fera), bicho, criatura (animada, viva), animalidade, animação...” (p. 122). Segundo, “bruto” nos remeteu ao *brut* francês, no sentido utilizado para designar um determinado estágio da produção de espumantes; algo próximo a “cru”. Aliás, associação que foi apropriada por Jean Dubuffet para designar a assim chamada *art brut*. Terceiro, porque consultando o *Concise Etymological Dictionary of the English Language* de Walter Skeat (London, Oxford, 1956), descobrimos que *coarser* é oriundo de *course* (curso), no contexto da frase *in course*, remetendo-nos fortemente ao espírito da psicologia jamesiana por referência a algo que, tal como o pensamento, “flui” ou “acontece” (“The stream of consciousness”, capítulo IX de *The Principles of Psychology*) (Nota do revisor técnico, doravante, N. da R.). (JAMES, William. As emoções (1890). **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 11, n. 4, Dec. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-

Em casos como esse, vemos claramente como a emoção tanto começa quanto termina com o que chamamos de seus efeitos ou manifestações. Não tem nenhum *status* mental, exceto como o sentimento apresentado ou a ideia das manifestações, que constituem assim o seu material completo, a sua soma e substância e sua aparelhagem. Esses casos devem nos fazer ver como em todos eles o sentimento das manifestações pode desempenhar um papel muito mais profundo na constituição da emoção do que estamos acostumados a supor.

Se nossa teoria é verdadeira, um corolário necessário tirado dela supõe que qualquer estimulação voluntária das chamadas ‘manifestações’ de uma emoção particular nos dá a emoção em si. É claro que, para a maioria das emoções, esse teste é inaplicável, pois muitas das manifestações são de órgãos sobre os quais não temos controle volitivo. Ainda assim, dentro dos limites em que pode ser verificada, a experiência corrobora completamente esse teste. Todos sabem como o pânico aumenta rapidamente, e como ceder aos sintomas de dor ou raiva aumenta essas mesmas paixões. Cada ataque de soluços durante o choro faz com que o sofrimento fique mais agudo e evoca um outro ataque ainda mais forte, até que finalmente se detenha apenas com a estafa e o aparente esgotamento do corpo. Na raiva, é notório como nós “nos provocamos” até o clímax por surtos repetidos de expressão. Recuse-se a expressar uma paixão e ela morrerá. Conte até dez antes de desafogar sua raiva e então ela parecerá ridícula.

Assobiar para manter a coragem não é mera figura de linguagem¹⁷. Por outro lado, sente-se o dia inteiro em uma postura de lástima, suspire, e responda a tudo com uma voz triste e sua melancolia persistirá. Não há preceito mais valioso para a educação moral do que este, que todos os que têm experiência já conhecem: se quisermos dominar as tendências emocionais indesejáveis em nós mesmos, devemos assiduamente, urgentemente e a sangue frio, forçar-nos a ter os *gestos aparentes* daquelas disposições contrárias que preferimos cultivar. A recompensa da persistência infalivelmente virá quando o mau humor ou depressão esvanecerem e quando o advento de uma alegria e bondade real tomarem seu lugar. Relaxe a testa, avive o olhar, contraia a face dorsal ao invés da face ventral do seu corpo, fale em tons maiores, faça elogios amistosos. Se o seu coração gradualmente não degelar, ele realmente deve ser frígido!

As únicas exceções a isso são aparentes, não reais. A grande expressividade e mobilidade emocional de certas pessoas muitas vezes nos levam a dizer: “Eles sentiriam mais se falassem menos”. Em outro tipo de pessoas, a energia explosiva na qual as paixões se manifestam em ocasiões críticas parecem correlacionadas à maneira na qual elas tendem a conter tais sentimentos intermitentemente. Mas esses são apenas os tipos excêntricos de temperamento e dentro de cada tipo a lei do último parágrafo prevalece.

47142008000400013&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 08 Nov. 2010.)
(N.T.)

¹⁷ No original, “*Whistling to keep up courage*”. A referência pode não fazer muito sentido em língua portuguesa, mas “assoviar” refere-se culturalmente em inglês a uma série de contextos. O mais claro pra exemplificar o sentido dado aqui é a expressão idiomática “*whistling in the dark*”, literalmente “assoviando no escuro”, que significa estar animado e otimista em uma situação que não permitiria esses sentimentos. Assoviar para manter coragem advém dessa noção de se animar e se motivar ao cantar e/ou assoviar em condições adversas. (N.T.)

O ‘sentimentalista’ é construído de modo que, em seu modo normal de expressão, as emoções “jorram” de si. Colocar um tampão sobre o “jorro” apenas fará com que atividades mais “reais” tomem o seu lugar em um grau limitado; em essência, simplesmente produzirá indiferença. Por outro lado, o pesado e bilioso “vulcão adormecido” o permitirá reprimir a expressão de suas paixões a seu bel-prazer, fazendo com que elas sejam extintas caso não encontrem abertura para serem expressas; ao passo que, se multiplicadas as raras ocasiões em que considere as emoções dignas de irromperem, ele as verá intensificadas à medida que a vida prossegue.

Sinto-me convencido de que não há exceção à lei. Os efeitos formidáveis das lágrimas reprimidas podem ser mencionados, bem como os resultados tranquilizantes de se falar o que pensa quando se tem raiva e vê-la cessar de existir. Mas essas não são divagações ilusórias da regra. Toda a percepção deve levar a *algum* resultado nervoso. Se essa é a expressão emocional normal, logo ela se esgota, e no curso natural das coisas sucede-se uma tranquilidade. Mas, se o problema normal é bloqueado por qualquer causa, as correntes em determinadas circunstâncias podem invadir outros setores e lá funcionar de maneiras diferentes, piorando seus efeitos. Assim, uma cisma vingativa pode substituir uma explosão de indignação, uma cólera seca pode consumir o corpo de alguém que quisera chorar, ou ele pode, como diz Dante, ‘transformar-se em pedra por dentro’ e, em seguida, lágrimas ou um ataque de tempestuosidade podem trazer um alívio agraciante. Quando ensinamos crianças a reprimir suas emoções, não é que elas podem *sentir* mais, muito pelo contrário. É para que elas possam *pensar* mais, pois, em certa medida, quaisquer que sejam as correntes nervosas desviadas das regiões abaixo [do cérebro], devem intensificar a atividade dos tratos do cérebro ligados ao pensamento.¹⁸

O último grande argumento a favor da prioridade dos sintomas corporais em relação à emoção sentida é a facilidade com que nós enunciamos, por meio deles, casos patológicos e normais e os colocamos sob um esquema comum. Em todo hospício encontramos exemplos de medo, raiva, melancolia, ou vaidade absolutamente sem fundamentos; e outros casos de apatia igualmente sem fundamento, que persiste apesar das melhores razões aparentes para que devesse ceder. Nos casos anteriores, devemos supor o mecanismo nervoso como sendo tão “instável” em certa direção emocional que quase todos os estímulos, por mais inapropriados, o perturbarão dessa maneira, e, como consequência, irão gerar o complexo de sentimentos particulares de que o corpo psíquico da emoção consiste. Assim, levando em conta um caso específico: se uma incapacidade de respirar fundo, uma palpitação no coração, aquela mudança epigástrica peculiar sentida como “ansiedade precordial”, com uma tendência irresistível para assumir uma postura um pouco agachada e permanecer imóvel, talvez acompanhadas de outros processos viscerais não conhecidos agora, se tudo isso ocorrer espontaneamente

¹⁸ Esse é o oposto do que acontece em lesões no cérebro, seja por uma violência externa, ruptura interna ou tumor, ou meramente a inanição causada por uma doença. A permeabilidade cortical parece reduzida, de modo que a excitação, em vez de propagar-se lateralmente através dos canais ideacionais como antes, tende a tomar uma trajetória descendente para os órgãos do corpo. A consequência é que nós temos lágrimas, riso e crises temperamentais, na mais insignificante provocação, acompanhando uma fraqueza proporcional do pensamento lógico e do poder de atenção voluntária e decisão.

em conjunto numa determinada pessoa, o seu sentimento dessa combinação é a emoção do pavor, e ele é a vítima do que é conhecido como o ‘medo mórbido’. Um amigo que teve ataques ocasionais desse que é dos mais angustiantes de todos os males diz-me que, no seu caso, todo o drama parece concentrar-se sobre a região do coração e do aparelho respiratório, e que o seu principal esforço durante os ataques é tomar o controle de suas inspirações e desacelerar o seu coração, e que no momento em que consegue respirar profundamente e manter-se ereto, o pavor, *ipso facto*, parece partir.¹⁹

O relato dado à Brachet²⁰ por uma de suas próprias pacientes que sofre de uma condição oposta – a da insensibilidade emocional – tem sido frequentemente citado e merece o ser novamente:

“Eu ainda continuo (ela diz) a sofrer constantemente. Eu não tenho um momento de conforto, e nenhuma sensação humana. Cercada por tudo o que poderia tornar a vida feliz e agradável, ainda desejo para mim a faculdade de sentir prazer e de ter sentimentos – e ambos tornaram-se impossibilidades físicas. Em tudo, mesmo nas carícias mais ternas dos meus filhos, encontro apenas amargura. Eu os cubro de beijos, mas há algo entre seus lábios e os meus, e esse algo repugnante está entre mim e todos os prazeres da vida. Minha existência é incompleta. As funções e os atos da vida cotidiana, é verdade, ainda me restam; mas, em cada um deles, existe algo ausente; a saber: o sentimento que lhes é próprio, e o prazer que sucede deles... *Cada um dos meus sentidos, cada parte do meu próprio eu, é como se tivessem sido separados de mim e já não pudessem me proporcionar qualquer sentimento; essa impossibilidade parece depender de um vazio que sinto na frente da minha cabeça, e ser devido à diminuição da sensibilidade em toda a superfície do meu corpo, pois me parece que eu nunca realmente alcanço os objetos que eu toco... Eu sinto suficiente bem as mudanças de temperatura na minha pele, mas já não experimento a sensação interna do ar quando respiro...* Tudo isso seria uma questão suficientemente pequena, se não fosse devido ao seu resultado terrível que é a impossibilidade de qualquer outro tipo de sentimento e de qualquer tipo de prazer, embora eu experimente uma necessidade e um desejo de tê-los que tornam a minha vida uma incompreensível tortura. Cada função, cada ação da minha vida permanece, mas privadas do sentimento que lhes pertence, do gozo que deveria segui-los. Meus pés estão frios, eu os aqueço, mas não ganho prazer algum desse calor. Eu reconheço o gosto de tudo que como, sem ter qualquer prazer com isso... Meus filhos estão crescendo bonitos e saudáveis, todos me dizem, e eu mesma vejo isso, mas o deleite, o

¹⁹ É preciso confessar que há casos de medo mórbido em que, objetivamente, o coração não é muito afetado. Eles, contudo, não provam qualquer coisa contra a nossa teoria, pois é claro que é possível que os centros corticais que normalmente percebem o pavor como sendo um complexo de sensações cardíacas e orgânicas devido a mudanças corporais reais devem tornar-se *primariamente* excitados no caso de doença cerebral e dar origem a uma alucinação de que as mudanças existem – uma alucinação de pavor, consequentemente – coexistente com um pulso relativamente calmo, etc. Eu digo que é possível porque sou ignorante das observações que possam testar o fato. Transe, êxtase, etc oferecem exemplos análogos, para não falar do sonho comum. Em todas essas condições, pode-se ter as sensações subjetivas mais vívidas, seja pelos olhos ou ouvidos, ou do tipo mais visceral e emocional, como resultado puramente da atividade do sistema nervoso central, com repouso completo do sistema periférico. Caso a força subjetiva da sensação deva-se, nesses casos, à energia real do distúrbio central, ou meramente devido ao estreitamento do campo da consciência, não precisamos nos preocupar. Nos casos de melancolia dos hospícios, geralmente há um estreitamento do campo.

²⁰ Jean Louis Brachet (1789-1858) foi um médico e cirurgião francês. Estudou as funções do sistema nervoso ganglionar, doenças mentais e patologia. Publicou extensamente ensaios, estudos e pesquisas sobre fisiologia, clínica e outros assuntos.

conforto interior que eu deveria sentir, não consigo obter. A música perdeu todo o encanto para mim, eu costumava amá-la afetuosamente. Minha filha toca muito bem, mas para mim é um mero ruído. Aquele interesse animado que um ano atrás me fazia ouvir um concerto delicioso no mais tênue ar que seus dedos tocavam, – aquela emoção, aquela vibração geral que me fazia derramar lágrimas tão ternas, – tudo aquilo não existe mais²¹.”²²

Outras vítimas descrevem-se como estando encerradas em paredes de gelo ou cobertas com um invólucro emborrachado, através do qual nenhuma impressão penetra a sensibilidade selada.

Se nossa hipótese é verdadeira, ela nos faz perceber mais profundamente do que nunca quanto a nossa vida mental é entrelaçada à nossa estrutura corporal, no sentido mais estrito do termo. Êxtase, amor, ambição, indignação e orgulho, considerados enquanto sentimentos, são frutos da mesma terra que as mais asquerosas sensações físicas de prazer e de dor. Mas foi dito no princípio que isso seria afirmado apenas sobre o que nós então convenciamos chamar de emoções “padrão”; e que aquelas sensibilidades internas que, à primeira vista, parecem destituídas de efeitos corporais devem ser deixadas de fora do nosso relato. Seria melhor, antes de encerrar, dizer uma palavra ou duas sobre esses últimos sentimentos.

Eles são, o leitor se recordará, os sentimentos morais, intelectuais e estéticos. Harmonias de sons, cores, linhas, consistências lógicas e/ou aptidões teleológicas nos afetam com um prazer que parece enraizado na própria forma de sua representação e não toma emprestado nada de qualquer reverberação que surja das partes abaixo do cérebro. Os psicólogos herbartianos²³ tentaram distinguir sentimentos através das *formas* nas quais as ideias podem ser organizadas. Uma demonstração geométrica pode ser tão “bela” e um ato de justiça tão “puro” quanto um desenho ou uma melodia, embora a ‘beleza’ e a ‘pureza’ aqui pareçam ser puramente uma questão de sensação e, nos anteriores, não tenha nada a ver com ela. Temos então, ou alguns de nós parecem ter, formas genuinamente *cerebrais* de prazer e desprazer, aparentemente não concordando em seu modo de produção com as chamadas emoções “padrão” que temos analisado. É certo que os leitores aos quais nossas razões até agora não conseguiram convencer irão agora contestar essa confissão e considerar que deveríamos desistir de todo o nosso caso. Uma vez que a percepção musical e as ideias lógicas podem imediatamente incitar uma forma de sentimento emocional – eles diriam – não é mais

²¹ Citado por Semal: *De la Sensibilité générale dans les Affections mélancoliques*, Paris, 1876, pp. 130-135.

²² François Joseph Semal (? – 1896), médico francês e diretor-geral do hospício de Mons à época. (N.T.)

²³ Johann Friedrich Herbart (1776-1841), filósofo alemão. Foi um dos primeiros pensadores a se preocupar com os fundamentos científicos da pedagogia. Além de sua contribuição para uma análise sistemática da educação, entendia a psicologia como a ciência que explicava os processos mentais como meios para se chegar à educação e fez um esforço para explicar o funcionamento da vida mental. Herbart propõe “a consciência como núcleo da vida mental, formada por representações do real e tendo como características a unidade e a operação sobre si mesma; concebia “(...) a psicologia como meio para a educação articular e organizar, na reflexão, a experiência empírica das representações diversas e conflitantes” (Costa, 1993, pp.135-136 *apud* CARVALHO, Diana Carvalho de. A psicologia frente a educação e o trabalho docente. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 7, n. 1, June 2002 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000100008&lng=en&nrm=iso. acesso em 23 Nov. 2010.) (N.T.)

natural supor que, no caso das chamadas emoções “padrão”, induzidas pela presença de objetos ou a experiência de eventos, o sentimento emocional é igualmente imediato, e alguma coisa de expressão corporal vem depois e é adicionada a elas?

Mas um escrutínio ajuizado dos casos de pura emoção cerebral dá pouca força para essa assimilação. A não ser que neles realmente exista algum tipo de reverberação corporal combinada com o sentimento intelectual, a não ser que realmente demos risada ante a elegância do dispositivo mecânico, vibremos ante a justiça do ato, ou nos entorpecemos ante a perfeição da forma musical, nossa condição mental é mais aliada a um julgamento do *correto* do que a qualquer outra coisa. Tal julgamento é preferivelmente classificado entre as percepções da verdade: é um ato *cognitivo*. Mas, na realidade, o sentimento intelectual quase nunca existe desacompanhado desse modo. Como a introspecção cuidadosa mostrará, a ‘caixa de ressonância’ do corpo está em um funcionamento mais intenso do que costumamos supor. Ainda assim, quando uma longa familiaridade com uma determinada classe de efeitos nos embotou a sensibilidade emocional – ao mesmo tempo que nos aguçou o gosto e o bom senso – temos de fato a ‘emoção intelectual’ – se tal coisa pode ser chamada assim – pura e imaculada. E sua aridez, a palidez, a ausência de qualquer brilho – como poderiam existir na mente de um crítico completamente conhecedor – não só nos mostra o quão completamente diferente é tal coisa das emoções “padrão” que consideramos em primeiro lugar, mas nos faz suspeitar que quase toda a diferença reside no fato de que a caixa de ressonância do corpo, vibrando em tal caso, está nos outros muda. “Não é tão mau” tende a ser o limite máximo de alguma expressão de aprovação vinda de uma pessoa de bom gosto. “*Rien ne me choque*” é conhecido como o superlativo de Chopin ao louvar qualquer música nova. Um leigo sentimental sentiria-se – e deveria se sentir – horrorizado ao ser acolhido na mente de tal crítico, ao ver quão frios, quão tênues, quão vazios de significado humano são os motivos para a preferência ou desaprovação que lá predominam. A capacidade de escolher um bom lugar na parede irá superar todo o conteúdo de uma imagem; um truque tolo de palavras eternizará um poema; um floreio completamente sem sentido em uma composição musical pode não significar nada em termos de “expressividade” em outra.

Lembro de ter visto, na Academia de Veneza, em um dia de fevereiro de frio lancinante, um casal inglês sentar-se por mais de uma hora em frente à célebre “Assunção da Virgem” de Ticiano, quando, depois de ter sido perseguido pelo frio de uma sala à outra, terminei por ser obrigado a ir em busca do sol o mais rápido possível e largar as pinturas. Antes de sair, porém, aproximei-me reverentemente perto deles para saber com quais formas superiores de suscetibilidade eles deveriam ser dotados e tudo que ouvi foi a voz da mulher a murmurar: “Que expressão *depreciativa* seu rosto mostra! Que abnegação! Quão *indigna* ela se sente da honra que está recebendo!”. Seus corações honestos tinham sido mantidos aquecidos o tempo todo pelo ardor de um sentimento espúrio que deixaria o velho Ticiano certamente desgostoso. Mr. Ruskin²⁴ em algum lugar faz a terrível admissão (para ele) de que as pessoas religiosas, como

²⁴ John Ruskins (1819-1900), poeta, artista, pensador e crítico de arte inglês. Conhecido pelos seus ensaios sobre arte e arquitetura e sobre seus escritos sobre a interconexão entre questões de moralidade, sociedade e cultura. (N.T.)

regra, pouco se importam com pinturas e, quando se importam, geralmente preferem as piores às melhores. Sim! Em toda arte, em toda ciência, há a percepção aguçada de certas relações como sendo *corretas* ou não, e há a descarga e vibração emocional consequente logo a seguir. E essas são duas coisas distintas, não uma. No primeiro caso, é onde os especialistas e mestres se sentem em casa. Os acompanhamentos de que falei por último são comoções corporais que talvez eles mal possam sentir, mas que podem ser experimentados em sua plenitude por cretinos e filisteus²⁵ cujos juízos críticos estão em seu ponto mais baixo. As “maravilhas” da Ciência, sobre as quais tanta literatura popular edificante é escrita, tendem a ser “caviar” para os homens nos laboratórios. Cognition e emoção estão separados mesmo nesse último refúgio – quem dirá que seus antagonismos podem não ser apenas uma fase da luta ancestral conhecida como aquela entre o espírito e a carne? – Uma luta na qual parece bastante certo que nenhuma das partes irá definitivamente afugentar a outra da batalha.

Retornemos ao nosso ponto de partida: a fisiologia do cérebro. Supondo que seu córtex contém centros para a percepção de mudanças em cada órgão sensorial em particular: em cada porção da pele, cada músculo, cada articulação e cada víscera, e não contém absolutamente nada além disso, ainda temos um esquema perfeitamente capaz de representar o processo das emoções. Um objeto põe-se em um dos órgãos sensoriais e é apercebido pelo centro cortical adequado, ou então esse, excitado de alguma outra forma, dá origem a uma ideia do mesmo objeto. Rápido como um flash, o reflexo desce em correntes através de seus canais pré-ordenados, altera a condição do músculo, pele e vísceras; e essas alterações nas partes mais específicas do córtex – apercebidas como o objeto original – fundem-se na consciência e transformam um ‘objeto-simplesmente-apreendido’ em um ‘objeto-emocionalmente-sentido’. Nenhum novo princípio precisa ser evocado, nada é postulado para além do circuito reflexo normal e os centros corticais aceitos de uma ou de outra forma por todos como existentes.

É preciso confessar que um teste crucial da veracidade da hipótese é tão difícil de obter quanto sua refutação decisiva. Um caso de anestesia corporal completa – interna e externa – sem alteração motor ou alteração da capacidade mental, exceto pela apatia emocional, nos proporcionaria se não um teste crucial, pelo menos uma forte presunção em favor da verdade da visão que temos estabelecido, ao passo que a persistência de algum sentimento emocional forte em tal caso seria a ruína completa de nossa hipótese. Anestésias históricas parecem nunca ser completas o suficiente para um exame. Anestésias completas causadas por uma doença orgânica, por outro lado, são excessivamente raras. No famoso caso de Remigius Leims, nenhuma menção é feita pelos relatores de seu estado emocional, uma circunstância que por si só não nos

²⁵ No original “*Crétins and Philistines*”. A frase, um jogo de palavras que rimam, não é uma expressão idiomática corrente da língua inglesa. No Séc. XIX, “cretino” e “cretinismo” eram termos médicos para descrever quem sofria de capacidade cognitiva reduzida e frágil. Era uma condição bastante difundida pela Europa, causada principalmente pela falta de iodo na dieta. Também no mesmo século, a palavra “filisteu” perdeu seu sentido histórico (é o nome de um povo que habitava a costa da atual Palestina) e ganhou uma conotação depreciativa. Descrevia as pessoas que não valorizavam a arte e a cultura, o intelectualismo e valores espirituais. Considerados materialistas, convencionais e *kitsch*, foram criticados e citados por autores como Goethe, Nietzsche, James e Nabokov. Na efervescente cultura do século XIX, os “filisteus” representavam a maioria anti-intelectual, antioêmia e antivanguarda. (N.T.)

permite qualquer presunção de que era normal, uma vez que como regra nada é percebido sem causa pré-existente na mente. Dr. Georg Winter²⁶ recentemente descreveu um caso um tanto semelhante²⁷ e, em resposta a um questionamento, gentilmente escreveu-me o seguinte: “O caso foi totalmente removido da minha observação no último ano e meio. Mas até onde sou capaz de afirmar, o homem foi caracterizado por uma certa inércia mental e indolência. Ele era tranquilo e tinha no geral o temperamento de um fleumático. Ele não era irritável ou irascível, seguia discretamente seu trabalho agrícola e deixava seus negócios e governança aos cuidados de outras pessoas. Em suma, ele deu a impressão de ser um camponês plácido, sem interesse algum para além do seu trabalho.” Dr. Winter acrescenta que, ao estudar o caso, não prestou nenhuma atenção especial à condição psíquica do homem, pois isso parecia “irrelevante”²⁸ para seu objetivo principal. Devo acrescentar que a forma em que fiz minha pergunta ao Dr. Winter não poderia ter dado nenhuma pista sobre o tipo de resposta que esperava.

Naturalmente esse caso não prova nada, mas é de se esperar que os médicos que trabalhem em hospícios e especialistas no sistema nervoso possam começar a estudar metodicamente a relação entre a anestesia e apatia emocional. Se a hipótese aqui sugerida alguma vez for definitivamente confirmada ou desmentida, parece que será através deles, pois somente eles têm os dados em suas mãos.

P.S.: Por um esquecimento imperdoável na hora de despachar o meu manuscrito ao editor, ignorei a existência do caso extraordinário de anestesia total publicado pelo professor Strümpell²⁹ em *Ziemssen Deutsches Archiv für klinische Medicin* xxii., 321, do qual, no entanto, já havia tido notícia no momento da sua publicação [Cf. Primeiro relato do caso em *Mind* X., 263, traduzido do *Pflüger's Archiv*. Ed.]. Creio que esse constitui o único caso desse tipo remanescente na literatura médica, de modo que, com ele, nossa pesquisa está completa. Em referência ao original, que é importante em muitas conexões, constatei que o paciente, um aprendiz de sapateiro de 15 anos, inteiramente anestésico por dentro e por fora, com exceção de um olho e um ouvido, tinha mostrado *vergonha* por ocasião de ter evacuado na cama e *tristeza* quando um prato tido anteriormente como um favorito foi posto em sua frente e ele lembrou que não podia mais sentir

²⁶ Georg Winter (1856-1946), médico alemão. Nas notas do “Princípios da Psicologia” de James, se esclarece que, apesar de no presente artigo James citar uma carta de Winter, nunca foram encontradas as missivas originais entre suas correspondências.(N.T.)

²⁷ “Ein Fall von allgemeiner Anaesthesie,” *Dissertação Inaugural*. Heidelberg, Inverno, 1882.

²⁸ No original, “Dr. Winter adds that in studying the case he paid no particular attention to the man's psychic condition, as this seemed “*nebensächlich*” to his main purpose.” James usa a palavra alemã “*nebensächlich*”, que significa: incidental, irrelevante, menor, negligenciável, periférico, etc.(N.T.)

²⁹ Ernst Adolf Gustav Gottfried von Strümpell (1853-1925), também conhecido como Adolph Strümpell, foi um neurologista alemão, importante pesquisador da área da neurociência. Publicou livros-textos e foi o primeiro a identificar e diagnosticar diversas doenças cerebrais, algumas das quais ganharam seu nome, como a Doença de Marie-Strümpell, descoberta em conjunto com o neurologista francês Pierre Marie, e a Síndrome de Strümpell-Lorrain, descoberta por ele, e mais tarde descrita mais extensivamente pelo médico francês Maurice Lorrain.(N.T.)

seu sabor. Como, no entanto, o Dr. Strümpell parecia não ter prestado atenção especial aos seus estados psíquicos e, na medida que esses são importantes para a nossa teoria, escrevi-lhe em poucas palavras o que a essência da teoria era e pedi-lhe para dizer se ele tinha certeza de que a tristeza e a vergonha mencionados eram sentimentos reais na mente do menino, ou apenas as ‘manifestações reflexas’ provocadas por certas percepções, manifestações que um observador externo poderia notar, mas às quais o menino poderia estar insensível.

Dr. Strümpell me enviou uma resposta muito amável, da qual eu traduzo a passagem mais importante.

“Devo confessar que, de fato, eu naturalmente falhei em instituir em meu *Anoesthetiker* observações tão especiais quanto o sentido de sua teoria exigiria. No entanto, penso que posso decididamente declarar que, para todos os efeitos, ele não carecia completamente de afetos emocionais. Além dos sentimentos de *tristeza* e *vergonha* mencionados em meu trabalho, eu me lembro claramente que ele demonstrou *raiva*, por exemplo, e muitas vezes discutia com os atendentes do hospital. Ele também manifestou *medo* com receio de que eu fosse puni-lo. Em suma, não acho que meu caso fala exatamente em favor de sua teoria. Por outro lado, não vou afirmar que ele positivamente refuta sua teoria. Pois meu caso foi certamente um caso de anestesia muito centralmente situado (anestesia da percepção, como a dos histéricos) e portanto a condução de impressões exteriores pode não ter sido afetada nele.”

Confesso que não vejo a relevância da última consideração, e isso me faz suspeitar que a minha própria carta estava expressa muito brevemente ou obscuramente para colocar o meu correspondente de posse completa de meu próprio pensamento. Pois sua resposta ainda não faz referência explícita a qualquer coisa a não ser as manifestações externas da emoção no menino. Não é ao menos concebível que, assim como um estranho posto em presença do menino pela primeira vez, vendo-o comer, beber e satisfazer outras necessidades naturais, pudesse supor que ele tinha a sensação de fome, sede, e etc. até ser informado pelo próprio garoto que fez todas essas coisas sem sentir coisa alguma, a não ser a presença do sentido da visão e audição; não é, digo eu, pelo menos possível que o Dr. Strümpell, sem dirigir perguntas introspectivas diretas ao seu paciente – e esse não sendo um tipo de pessoa da qual se poderia esperar revelações voluntárias dessa sorte – poderia ter similarmente se omitido a discriminar entre um sentimento e seu acompanhamento motor habitual, e erroneamente tomado o último como prova de que o sentimento estava lá? Tal erro é obviamente possível, e devo, portanto, repetir as palavras do próprio Dr. Strümpell, de que seu caso ainda não refuta a minha teoria. Caso ocorra um caso semelhante, ele deve ser interrogado a respeito do estado emocional interior que co-exista com as expressões exteriores de vergonha, raiva, e etc. E se, em seguida, descobrir-se que o paciente reconhece explicitamente a mesma ‘disposição de sentimento’ conhecida sob aqueles nomes em seu antigo estado normal, minha teoria certamente seria derrubada. No entanto, para mim é incrível que o paciente deva ter um sentimento *idêntico*, visto que o abandono da ‘caixa de ressonância’

orgânica necessariamente diminuiria seu volume de alguma forma. O professor do paciente do Dr. Strümpell encontrou uma deficiência mental nele durante a sua anestesia, que possivelmente pode ter sido causada devido às consequências resultantes da sua vivacidade intelectual geral perante a subtração de tão importante massa de sentimentos, mesmo que eles não fossem o todo de sua vida emocional. Quem quer que deseje extrair do próximo caso de anestesia total o máximo de conhecimento sobre as emoções terá de interrogar o paciente tendo em mente alguma noção do que falo em meu artigo. Podemos definir as emoções psíquicas puras muito melhor ao começar de tal hipótese e modificá-la na forma de restrição e subtração do que começar sem hipótese definida absolutamente. Portanto, a publicação do meu artigo será justificada, mesmo que a teoria que ele advogue, rigorosamente levada em conta, esteja errada. A melhor coisa que eu posso dizer é que, ao escrevê-lo, eu quase convenci *a mim mesmo* de que pode ser verdade.

Recebido em: janeiro de 2013

Aprovado em: março de 2013